ANO I. LISBOA—QUARTA-FEIRA, 1 DE MARÇO DE 1922 N.º 278

Diario de Lisbôa

Numero avulso: 10 CENTAVOS
Administrador e editor
MANZONI DE SEQUEIRA
Tel.: 3194 e 3195-C.—End. Teleg. DIBOA

DIRECTOR
JOAQUIM MANSO
SECRETARIO DA REDACÇÃO
ALVARO DE ANDRADE

Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA
Redacção, administração e oficinas
RUA LUZ SORIANO, 48
Impressão: Rua do Mundo, 116

A DURA REALIDADE

O Carnaval passou: uns riram sem consciencia, como onagros que os bafos da selva incitam a bravatas e correrias loucas, outros tiveram a consciencia de se rirem sómente o bastante, para que ninguem supuzesse que eles tomavam a sério o seu proprio riso.

Houve tambem os amargos, os descrentes, os pessimistas, mas estes não contam, como nas arvores ha ramos secos que, embora ainda presos ao tronco, já não fazem parte da sua vida.

O Carnaval passou...

Agora encontramo-nos outra vez sem riso e com os velhos cuidados sobre os ombros e tambem no coração. E' a dôr que renasce, após um passageiro anestesico.

O governo do sr. Antonio Maria da Silva chega ao momento grave da sua existencia. Para cumprir satisfatoriamente a sua função, tem que integrar-se com as aspirações nacionais, realizando-as, com pausada, mas inabalavel decisão, fazendo da lei a salvaguarda dos seus esforços.

Que deseja Portugal, neste momento?

Primeiro que tudo, quer que haja ordem, se não nos espiritos, pelo menos nas ruas. Este desejo é tão enraizado que ninguem aceitará de bom animo governo que fraqueje ou transija em tal assunto.

Ha muito tempo que a anarquia exerce, nos nossos costumes politicos e sociais, uma acção funesta. Raros os que se mostram dispostos a obedecer, porque quasi todos querem mandar.

Brutos do tamanho de elefantes julgam-se fadados para estadistas. Soldados estragados pelos bafos maleficos da caserna sonham com o bastão de marechais, apanhado nas enchurradas das valetas.

Esta inversão de aptidões, em que a inteligencia desempenha o peor dos papeis, faz do nosso país uma triste comedia, ás vezes com scenas monstruosas.

Existe, porventura, espectaculo mais tragi-comico do que ver um estupido transformar a sua propria estupidez em força de mando e governo, e arrastar atraz de si uma turba de imbecis que o seguem e aclamam, até que caiam todos num charco?

Os que, protegidos pelos vidros da sua janela, contemplam estas farçadas macabras, podem regosijar-se se neles a paixão falar mais alto que a verdade. O sr. Antonio Maria da Silva e os seus colaboradores é que não podem ser homens de paixões. Compete-lhes reprimir todos os excessos e violencias, quaisquer que eles sejam. A autoridade deve pairar acima de tudo o que possa diminui-la ou deslustrá-la. Para isso carece de ser sempre justa, porque, desde o momento que o não seja, expõe-se á critica das multidões que é implacavel.

Logo que a ordem esteja garantida, o governo cuidará das necessarias soluções que demanda a nossa crise economica e financeira. A estabilidade ministerial não é mais que o resultado dum estado de coisas que derivará logicamente da resolução deste duplo problema.

DEPOIS DO CARNAVAL

—Não será a bronco-pneumonia infecciosa?
—Não. O medico disse que era uma valsite cronica.
—E receitou algum remedio?
—Receitou—o casamento.

A UM mascarado que, durante os dias do Carnaval, fez sensação nos clubs, teatros e ruas, pela sua ausencia de espirito, preguntou alguem:

—«Porque andas tão triste, ó mascara? E's infeliz aos amores?...

—Ninguem se diverte mais do que eu, visto que me mascáro sómente para realizar uma personagem que me é simpatica.

—Qual?

—A do homem que deseja vêr tudo, mas não gosta de ser conhecido.

—Que estranha curiosidade a tua! Coliges apontamentos para algum livro de maximas?

—Não penso em tal coisa. Como se dá o caso de ter de viver todo o ano em contacto com creaturas que se servem da palavra, do gesto, do vestuario e do proprio espirito para iludirem o seu semelhante, aproveito o Carnaval para seguir o rasto de tantos intrujões.

—Que apuraste já? Revela-me, por favor, os resultados da tua critica.

—Cheiras a jornalista, como certas mulheres a tinta. Nada te direi, porém, a não ser isto —que as mulheres são cada vez mais espertas e os homens cada vez mais estupidos.

—Quem é que o não sabe? Eu que nunca tive fama de grande observador já afirmei isso numa c[illegible] publica.

—E [illegible]?

—Pelo contrario: os homens aplaudiram-me e as mulheres sorriram-me.

—Foste logra[illegible] e por elas, sem dares por tal.

—Porquê?

—Os aplausos dos homens significavam: —«Aquele sujeito é tolo para assim se confessar com tamanha sinceridade».

Os [illegible] diziam:

—«Coitado! não está mais na sua mão: chamou-nos espertas a ver se nós reparamos na sua inteligencia».

—Visto isso a tua afirmação não é verdadeira?

—Rigorosamente verdadeira. Mas não se pode sustentar em publico, pois os homens e as mulheres, apenas se sentem estudados e discutidos, entram nos papeis que a natureza lhes distribuiu. E' por essa razão que eu, pelo Carnaval, os descubro como a sociedade os fez».

* * *

APARECEU, no Porto, uma revista quinzenal com este titulo—*A Vida Intelectual de Paris*. E' seu director e redactor unico Amadeu de Vasconcelos (Mariotte). O sumario é o seguinte: Joseph Bedier na Academia Franceza; Os irmãos Tharaud; Actualidades de Rabelais; Emile Boutroux; O centenario das descobertas de Ampère; Ideias e factos Através dos livros; Através das revistas; Curiosidades.

* * *

O *DIARIO DE LISBOA* iniciará, ainda esta semana, a publicação duma série de cartas sobre o movimento musical em Munich assinadas por uma das maiores competencias da sua terra, o dr. Alfred Lorenz, ilustre *generalmusikdirektor*.

* * *

A arquiduquesa Maria Teresa de Bragança disse a um numeroso grupo de legitimistas que a visitaram:—«Não conhecia o meu país, mas tinha saudades de Portugal».

A serem verdadeiras as afirmações do senador Silva Barreto, a instrução primaria em Lisboa vive em estado precario—professores pouco zelosos, apesar de excessivos em numero, escolas com reduzida frequencia, etc.

Como remediar tamanho mal?

Converta-se a instrução em artigo de luxo e ver-se-ha como ela se torna apetecida. Dá-la de graça a toda a gente, ofende os principios de muitos que têm feito fortuna, sem conhecerem o alfabeto.

A sêde do lucro e a febre dos prazeres não se conciliam com as virtudes simples da democracia.

* * *

ENVIARAM-NOS do Rio de Janeiro um jornal em que Portugal é agredido com estranha furia. Diz-se nele que, se nós descobrimos o Brasil, foi para explorarmos uma terra cheia de riquezas. Ha um forte exagêro em tal afirmativa, porque, se isso fosse verdade, o jornal em questão seria por si só o bastante para nos fazer tapar o nariz.

* * *

OS nossos telefones emudeceram todos. Pedimos á Companhia que os ponha a funcionar, com a maior brevidade. Não estamos exaltados, mas revestidos de muita paciencia. Simplesmente desejamos que, pelo facto de sermos pacientes, a Companhia saiba ser gentil comnosco, além da obrigação de cumprir o contrato de [illegible] dos seus serviços.

* * *

O NOSSO presado colega *A Manhã* celebra hoje o sexto aniversario da sua existencia. Enviamos-lhe os nossos cumprimentos mais afectuosos, pois se trata dum jornal que, sendo extremamente correcto, é tambem de leitura aprazivel, nunca se esquecendo de que á imprensa compete uma missão educativa.

* * *

OS espanhois residentes no Brasil vão erigir um monumento em honra deste país, que será inaugurado por ocasião do centenario da independencia. Estimamos que os *nativistas* não vejam nele uma ameaça para a marcha do seu odio.

* * *

PELA nova organização da Guarda Republicana, esta fica apenas constituida por infantaria e cavalaria, tendo cada unidade uma metralhadora. Os efectivos das companhias serão aumentados.

* * *

HÁ já quem sustente a necessidade de acabar com o Carnaval, pela falta de graça e excesso de estupidez. Nós cremos que precisamente por ter tais defeitos é que ele há-de ser eterno.

* * *

DIZ-SE que se vai dar uma mudança na direcção de um jornal da manhã.

* * *

O SR. ministro da Instrução regressa do Porto no *rapido* desta noite.

Magazine

Nestes nossos afortunados tempos em que a moda entrou no caminho do juizo, dandonos liberdade de abolirmos o que nos incomoda, as senhoras deixaram de usar os instrumentos de tortura, antigos chamados espartilhos, e os homens só para solenidade são obrigados, ainda, a usar colarinhos engomados.

Mas a tendencia para simplificar e tomar comoda a «toilette» encontra ás vezes pela frente a oposição de alguns perseverantes partidarios de fazer vista á custa da propria comodidade.

Para conhecimento de interessados aqui resumimos os conselhos que um grande alfaiate de Paris deu ácerca do «smoking» e da casaca:

O «smoking» usa-se nas cerimonias ordinarias; a casaca nas grandes solenidades e com colete branco, excepto em caso de luto. Os fatos não devem ser muito cintados e todas as excentricidades são abolidas. A verdadeira elegancia consiste em andar tão bem vestido que não se repara no nosso fato

* * *

Léon Deubel foi um poeta francês, um grande poeta desconhecido das multidões, e que, á semelhança de José Duro, só chegará a gloria depois de morto há muitos anos.

A sua principal obra «Chant des routes e déroutes» apareceu nas montras das livrarias com este comentario: «Se vendrai deux francs», (vender-se-ia por dois francos).

Vender-se-ia com efeito! Não se vendeu, e o poeta, como os grandes poetas de todos os tempos, abraçado com as musas e a literatura, veiu a matar-se por não encontrar meio de vida, aos trinta e quatro anos.

O «Mercure de France» publicará brevemente uma das suas melhores poesías «La Lumière Fatale», uma das homenagens que lhe preparam os seus amigos que viveram a mesma vida dele.

* * *

O solo da Martinica e de Guadalupe começa a tremer frequentemente. Espalhou-se por lá o receio fundadissimo de que se prepára uma nova erupção vulcanica. Decerto as populações recordam, apavoradas, a grande erupção que subverteu S. Pedro da Martinica, tremenda catastrofe em que pereceu a cidade inteira, como no primeiro seculo da cristandade Pompeia e Herculano.

Gama

GRANDE VARIEDADE DE BILHETES, FRACÇÕES E CAUTELAS para todas as LOTERIAS

Fornece para revender

PREÇOS CORRENTES

Pelo correio mais $15 para registo

Telefone: 1:020 — CENTRAL

Pedidos a

F. SILVA GAMA

R. do Amparo, 51—LISBOA

Grande Café de Italia

DÉJEUNERS

A PRIX FIXE ET A' LA CARTE

Esmerado serviço de chá, :-: chocolate e torradas :-:

Rua 1.º de Dezembro

FURUNCULOS

Diabetes, doenças da pele e dos intestinos curam-se com fermento d'uvas *Formosinho*

Farmacia Formosinho

Praça dos Restauradores, 18

LISBOA

UMA CARTA DO CORONEL GRANGER

O PROBLEMA DA COLONIZAÇÃO PORTUGUESA EM AFRICA

"As colonias são feitas pela Metropole e para a Metropole"

Sr. director do «Diario de Lisboa»

Tenho vindo acompanhando, com vivo interesse e isso aplaudo, o empenho com que o *Diario de Lisboa* está pondo em foco, perante o publico, o problema da colonização portuguesa em Africa. Interesse, digo, tanto mais intimamente encomiastico quanto me convenço de que este é um assunto a contar entre os que mal avançarão passo, desde que não tenham o consenso da opinião a acariciá-lo.

De momento e na presunção de prestar um pouco de concurso ao *metodo* preconizado pelo distinto articulista do *Diario de Lisboa*, de 20 de dezembro ultimo, proponho-me circunscrever tão sómente a uma das mil facetas que apresenta o problema da colonização e a qual—afigura-se-me—tem sido pouco directamente considerado entre nós. Quero referir-me á missão, de iniciativa particular do colono, junto do indigena; á eficacia da sua acção economica e social sobre os naturais dentre os tropicos.

E' claro que, quando me refiro a *indigenas* em geral, excluo os pouco numerosos naturais de Africa a quem, pelo seu grau de cultura mental, cabe logar entre os que assimilaram a civilização europeia.

* * *

Manifesto que, como preliminar justificativo das minhas observações, sou levado a fixar os principais pontos de vista em que me coloco.

Assim, tenho por fundamental que, como querem não poucos enciclopedistas, as colonias são feitas pela Metropole e para a Metropole. «A colonia há que ser uma «obra patriotica»— ensina o professor sr. dr. Ruy E. Ulrich, num seu notavel estudo, que corre impresso, sobre as nossas colonias.

E mui naturalmente, ao pôr em equação o problema qual é da colonização, temos a considerar o alento que consentem os nossos recursos. O que queremos e o que podemos. O nivel a que nos encontramos e a cota a que nos é dado aspirar.

* * *

Sendo assim, da colonização de estricto *povoamento* algo poderá resultar como nucleo da influencia nacional e da irradiação da alma portuguesa, como farol do espirito de raça. Porém, pouco, muitissimo pouco, perante a *expansão* colonial de que urge o país. A Madeira e os Açôres constituem sucessos puramente excepcionais.

Venho, pois, a aventar que, antes de tudo, devemos pensar em colonias de *produção*, em sistematica politica de *exploração* intensa; que a nossa aspiração essencial deve residir, na expressão de Schultz, em «colonias de *plantação* pelos «indigenas»; visto como, por justo fisiocratismo, uma racional exploração colonial tem de começar pela *agricultura*, base inconteste da vida social. Para mais, numa zona onde temperatura e humidade ambientes se dão invulgarmente as mãos para fecundarem o torrão virgem e de fertilidade privilegiada.

Ora, com uma densidade de população que não atinge ainda a media de 70 habitantes por quilometro quadrado na metropole e onde super-avulta o contingente urbano, não resulta mui logico que nos proponhamos ir povoar duas provincias ultramarinas com o total de superficie superior a 22 vezes a do continente. Não podemos, desde todo o principio, contar com o *numero*.

Na fase de utilitarismo até á ganancia, que ora eiva a humanidade inteira, a disseminação, pelas regiões inter-tropicais, de «*gagne-petit*» (assim os denomina Victor Tantet), sem desafôgo que os alente a voltarem a Portugal, longe estará hoje em dia de produzir para o fim que cumpre termos em vista. Nem eles contribuirão para a expansão economica do país, nem sequer se sentirão animados por fervôr patriotico suficiente para servirem, junto do indigena, como veiculo nutridor do culto por uma bandeira despida de potencia de irradiação para lhes manter o temperamento e que os deixou expatriar sem lhes reservar compensação bastante aos seus labores e sacrificios. Não é deles que será de esperar a propaganda da nossa lingua, costumes e instituições; a alimentação do espirito português com cunho profundo e duradouro. Não se repetirão, hoje em dia, casos como o da ilha Mauricia. Os nossos creoulos *luso-boers*, ou porventura novos *afrikanders*, dificilmente se conformarão com a sua sorte.

Devendo toda a obra de colonização coincidir com as necessidades do país que a empreende, para nós carecerá de predominar a feição *intensiva* na agricultura colonial.

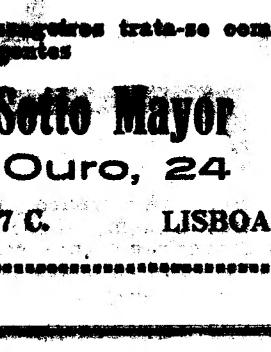
E o lote de cinco hectares por colono— conforme vejo proposto pelo detalhado projecto transcrito de *A Vitoria*, em o numero de 21 de dezembro proximo passado do *Diario de Lisboa*—não parece que consiga corresponder ao esforço empenhado; que dê margem a ambito economico de produção vencedor sequer da distancia dos planaltos até ao litoral. Só em condições mui excepcionais será de esperar resultado economicamente compensador dum total de apenas mil hectares a conceder ao proposto sindicato de duzentos portugueses. Dois mil hectares vinha ultimamente constituindo como que um minimo por parte das aspirações de cada um dos pretendentes a concessões para as industrias agricola e de criação de gado no Territorio da Companhia de Moçambique. Colonias de *povoamento* não parece, pois, *toilette* para nosso uso senão em algum raro dia de gala.

Para mais, no estado de atrazo mental em que ainda se encontra a quasi totalidade dos nativos por Angola e Moçambique, é da mór vantagem que o europeu se abstenha de trabalhos manuais e outras ocupações *ex-aequo* com o indigena,—por parte de quem é objecto de exame a cada instante,—e que vão redundar em prejuizo do prestigio de superioridade que a raça branca carecerá de manter perante o negro selvagem ainda e por largos anos. Além das razões de ordem material, um aspecto *moral* que, pois, afecta o nosso problema colonial e que creio não haver a perder de vista. Não é de aceitar que, como ainda não há três anos presenciei no porto de Loanda, o branco mecanico de uma gazolina manobre á voz dum indigena, tão compenetrado já êste ultimo da sua missão, até mesmo junto dos passageiros de quem ia cobrando a importancia dos respectivos transportes, que um deles se viu forçado ao recurso de um puxão de orelhas para lhe dissipar um pouco das ilusões.—De v. etc., coronel *Granger*.

COMPANHIA DE NAVEGAÇÃO

LLOYD BRAZILEIRO

Linha regular mensal de paquetes entre Brasil e o norte da Europa



Para carga e passageiros trata-se com os agentes

Pinto & Sotto Mayor

R. do Ouro, 24

Telefone n.º 1227 C. LISBOA

Mundanismo

Aniversários

Fazem amanhã anos as senhoras:

D. Maria Luiza de Mendoça ... de Moura Barreto de Olazabal, D. Maria Cristina Schwalbach Ribeiro da Silva de Noronha Feio, D. Ana de Mendoça Cirne, D. Maria José de Noronha e D. Maria Isabel de Seabra Ferreira Raposo.

E os senhores:

Dr. João Enes Ulrich, dr. José Maria Soares Vieira, Augusto José de Araujo Rebelo de Andrade, ... Talone da Costa e Silva, Luiz da Silva Dias e João Valdez Penalva (Penalva de Alva).

A caridade

Em S. Carlos

E' ámanhã que se realiza neste teatro a recita de caridade organizada por uma comissão de senhoras da nossa aristocracia, a favor dos Asilos e Oficinas para Rapazes Pobres, na qual se representará, pelos principais artistas da companhia lirica, um acto da opera «Rigoletto» e outro da opera «Barbeiro de Sevilha» e um acto pela esplendida companhia do actor Alves da Cunha.

Os principais logares do teatro estão tomados pela nossa primeira sociedade, o que nos faz prever que a noite de ámanhã no teatro de S. Carlos ficará para sempre gravada a letras de ouro nos anais mundanos.

Pontos de reunião

Agenda

A nossa sociedade elegante dará «rendez-vous» ámanhã de tarde, na «matinée» do Cinema Condes, e á noite, nas récitas da moda dos teatros Avenida e Eden respectivamente com a engraçada opereta «O Toureador» e a chistosa revista «O 31».

Em viagem

Do Porto partiu para Lisboa, o sr. dr. Alvaro Pinto de Magalhães.

—Partiu do Porto para Hamburgo o sr. Virgilio Mauricio Rodrigues.

—Regressou do norte o sr. José Maria Alvares.

—Partiu para o Porto o sr. Guilherme Ferreira Pinto Basto.

—Partiu ontem para Guimarães o sr. Alberto Cardoso de Menezes (Margaride).

—Vindo de Guimarães, encontra-se em Lisboa, há dias, o sr. Luis Cardoso de Meneses (Margaride).

STORES DE MADEIRA

RUA DO SECULO, 140

RUA DO AMPARO

A SAPATARIA MAIS ECONOMICA DE LISBOA

TELEF. C. 3541

Policlinica do Intendente

Almirante Reis, 27, 2.º

Telefone N.º 2989

Dr. Abel Alves—Ouvidos, nariz e garganta, ás 13.
Dr. Almeida Dias—Doenças nervosas e mentais. Electroterapia, ás 13.
Dr. Anastacio Gonçalves—Doenças dos olhos, ás 15.
Dr. Antonio Martins—Doenças das senhoras, ás 16.
Dr. Armando Formigal Luzes—Rins e vias urinarias, ás 10.
Dr. Artur Pacheco—Doenças da pele, ás 14.
Dr. Benard Guedes—Raios X, ás 16.
Dr. Carlos Fradique—Doenças das crianças, ás 15.
Dr. Fernando Fonseca—Medicina geral, sifilis, ás 15.
Dr. Formigal Luzes—Maçagens, ginastica medica, banhos de luz, mecanoterapia, electroterapia (dia termia, alta frequencia, etc.) ás 14.
Dr. Mario Rosa—Clinica geral, estomago e intestinos, ás 14.
Dr. Pereira da Silva—Analises clinicas. Vacinas.
Dr. Pereira Varela—Doenças da boca e dos dentes, ás 11.
Dr. Vasco de Lacerda—Clinica medica, coração e pulmões, ás 13.
Dr. Vasco Palmeirim—Cirurgia geral e operações, ás 13.

ADVOGADO

FERREIRA DE SOUSA

R. do Crucifixo, 50, 2.º, D.to

Telefone 2680-C

LITERATURA

"PAÇOS DO ENCANTAMENTO"

Excerpto do drama em dois actos, de Narciso de Azevedo

O Diario de Lisboa *publica hoje um excerpto do drama em 2 actos, do escritor portuense sr. Narciso de Azevedo, que é, ao mesmo tempo, um poeta cujo valor se afirmou em varios livros e versos já publicados.*

SCENA VIII

Branca e Dulce

Escurece repentinamente. Anuncios de mau tempo.

DULCE

Como enoitece ao redor de mim!...

BRANCA, *sobressaltada*

Um tempo assim tão vario, Dulce!

DULCE

E' a hora das sombras falarem comigo... é a hora das velhas sombras do paço antigo.

BRANCA

Uma escuridão assim repentina...

DULCE, *olhando ao longo da sala*

Acodem ao serão costumado... Vai ser p'ra delongas a conversa das sombras...

BRANCA

As sombras falam?...

DULCE

Por vezes falam em parabolas... compõem parabolas... Chamam o silencio para as ouvir... e eu dou-me a escutá-las. Na seroada, emquanto dobam destinos e tecem misterios, contam lendas, tais sinas... *(Pausa)* Escutai!... Não ouvis?... *(Em delirio)* Oh! ouço-as falar... ouço-as contar. *(Escuta)*.

BRANCA, *aterrada*

E o que ouvis?... E o que dizem elas?...

DULCE, *ainda na atitude de quem escuta, dizendo o que vai ouvindo*

Que os ultimos do paço ham de morrer ás mãos do seu senhor!... *(Um tremor de medo e superstição sacode o corpo de Branca. Dulce acaricia Branca, procurando socegá-la)* Não vos assusteis... E' uma procissão de sombras, que veem até vós. Não temais a ronda das sombras... Escutai as suas falas... Ouvis?... Ouvis?... Não tendes ouvidos para o silencio?... O silencio anda pejado de vozes—as vozes das sombras...

BRANCA, *sugestionada pelo delirio de Dulce*

Sim... umas vozes... uma voz...

DULCE

E' a de uma sombra errante.

BRANCA

Corre uma voz por esta sala... E vai por todas as coisas... e envolve tudo... E' como um fio de misteriosa meada a enovelar todas as coisas. *(Novo tremor sacode-lhe o corpo)*.

DULCE

O que ouvis!... Dizei.
Silencio profundo.

BRANCA, *escutando*

Esperai... esperai... Parece-me que a voz... Cuido que diz sinas... Anda a contar sinas a cada um dos guerreiros!

DULCE, *olhando para as estatuas*

Aos guerreiros?...

BRANCA

Erram sombras nos seus olhos... Vam cheios de sombras!...
Pausa. Erram assombros nos gestos de Branca.

DULCE

E ouvis?... O que ouvis? Dizei.

BRANCA

A voz afasta-se *(Apontando para o fundo)* Anda no extremo da sala, como a retirar-se... Ouço-a... Ouço-a... *(Põe-se ansiosamente á escuta)* Uma fala de empecer!... Uma sina assim... Mas a quem a diz? Mas a quem?... Ouvi-a, Dulce: que os ultimos do paço ham de morrer ás mãos do seu senhor!... *(É tomada de profundo terror)* Lá se foi a voz. E deixou uma sina a pairar nesta sala... a errar no paço!... *(Ruido longinquo de tempestade)* Vamos ter um tempo de assombros e mau agoiro...

DULCE

Não temais o tempo. *(Aponta as estatuas)* Estais rodeada de bravios guerreiros, que vos defendem dos estragos do tempo. E a vossa alma—só a alma é eterna?—prendeu-se e afeiçoou-se em tanta maneira ao vosso corpo, que o trabalho pouco a pouco, confiando-lhe toda a sua beleza. A' flôr do vosso corpo erra a flôr da vossa alma, vigiando-o momento a momento e modelando-o a todo o seu cuidado. E por isso é que o vosso corpo anda todo a florir, é como um horto a florir. Os canteiros do vosso horto deitam raizes até á alma. As suas flores ham de abrir em alma, que em perfume dá-se a envolver o corpo e a embalsama-lo. E é assim que a beleza do corpo não se decompõe com o dobar dos tempos! *(Com devaneio)* Nem na morte, nem na morte o tempo ofende os corpos, quando em vida a alma os perfumou! Olhai os corpos das santas dum tempo já ido. Desenterrados, mostram-se tam inteiros e bem apostes... parece que estam a dormir. E' que a alma andou a cuidá-los em vida e embalsamou-os. E por isso na morte e por todo o sempre rescendem muito a grádo. A alma em perfume dá aos corpos a sua eternidade... *(Mudando de tom)* Ao nascer o dia ouvistes descantes?

BRANCA

Vi esta manhã e ao longo do caminho um poder de gente, uma chusma de povo...

DULCE

Todo o povo deste logar e redondeza.

BRANCA

Iam de romagem. Os mesteirais cantavam mui festivamente.

DULCE

Faziam a romagem á sepultura de [vossa] mãe. Um costume muito guardado. C[...] vão rogar contra maleficios e as[...] nham tam alegremente... Que milag[res] da formosa condessa!...

BRANCA

E' certo o que se conta de minh[a ...]

DULCE

Depois de morta é que então co[...] viver para os humildes, para todo o p[ovo] de tal geito que a nomeiam nos se[us ...] Em vida era para essa gente simplesme[nte a] senhora condessa. Que tinha riqueza a[...] que era aposta e assim mesurada, [...] mais contavam da senhora condessa[...] nomeiam-lhe os milagres e as suas virt[udes]. Emquanto viva não consolou doentes [nem] curou lazerados... Um sacrificio de b[...] deu-lhe santidade. Só a beleza comb[ate e] vence o tempo, todos os seus damnos e [...]quindades... A' sepultura da vossa m[ãe vai] a cantar o povo todo, maiormente doe[ntes e] aleijados. Vam rogar cura, vam rogar [...] Imploram-lhe remedio para os seus ma[les,] os males do tempo... E memoram t[...] lagres... E' a condessa com a sua b[eleza a] errar por os crentes, combatendo os [...] do tempo.

BRANCA

Doentes e aleijados... tais crentes s[...] a salvação do corpo.

DULCE

Nesta romagem criaturas repesas [...] em voz alta a confissão dos seus ign[...] erros para que todos os saibam e os ju[...] Malfeitores ha que não cometem cri[mes ...] ouvirem o nome de vossa mãe—é a cond[essa] que entra nos homens a criar-lhes al[ma e] chamá-los á eternidade... *(Afaga Branca [...] bremodo nervosa)*. O vosso corpo assi[m ...] mule lembra uma haste batida pelo [vento].

BRANCA

Hoje assim um malestar por mi[m ...] inquietações...

DULCE, *abraçando Branc[a]*

Aquietai-vos.

BRANCA

Um desassocego que não posso [...]

DULCE

Tirai-vos de ruins cuidados.

BRANCA, *em delirio*

E' a sina... Estou a ouvi-la a tod[o ins]tante... Erra no paço á procura de a[...]

DULCE, *áparte*

E o destino a cumprir-se.

BRANCA, *ouvindo Dulce*

Um destino talhado por sombras...

Nacional Telef. C. 2048
Hoje não ha espectaculo
A'manhã:
A representação da desopilante comedia, em 3 actos, de Muñoz Séca, tradução de Ernesto Rodrigues, Felix Bermudes e João Bastos.
CARTA ANONIMA
Brilhante sucesso

AVENIDA
FESTA DO FISCAL DA EMPRESA
a opereta
Miss Diabo
A'MANHÃ
Festa de RAQUEL DE BARROS
Phi-Phi

POLITEAMA
Hoje não ha espectaculo
A'MANHÃ — A comedia de grande suc[esso]
AMOR, A QUANTO OBRIG[AS]
DOMINGO, 5 — Concerto extraordinari[o] homenagem á memoria de
David de Sousa
e em favor da sua mãe, pela Orquestra Sinfonica de Lisboa, sob a regencia de Fernandes Fão

[...]camara
[D]E CAPOTE E LENÇO
e um acto de variedades

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Chá das cinco

AS GRANDES MASSAS CORAIS

Já não ha quem cante em Portugal?

Fala o professor Herminio do Nascimento

O que ele tem feito e o que é preciso fazer — Tunas e solidós em 1903 — O orfeon academico e o grande orfeon de Lisboa, que é preciso organizar

Naquele gabinete de musico, pendurado no alto de um quarto andar de um predio antigo, onde a saudade das velhas coisas portuguesas pouza nas ceramicas ingenuas, nos azulejos esverdinhados do roda-pé e em três cadeiras da fabrica de Coimbra, Herminio do Nascimento, organizador de orfeons, espirito moço e ardente de fé, diz-nos, entre uma mascara em gesso de Beetowen e o seu piano, que é de madeira castanha e tem um ar de armario do seculo XVIII:

—Em Portugal não ha quem cante!

E partindo desta frase, Herminio do Nascimento, apanhado para a entrevista ainda em trajo da manhã, cabelos de musico que são de mulher, fez um pouco de historia:

—Quere ouvir? Em 1903, Gabriel Paré, chefe de orquestra da guarda republicana de Paris e grande compositor, publicou um livro sobre os orfeons que havia na Europa. Todos os países os tinham.

«A Alemanha é o país do canto... Crianças de quatro anos sabem cantar coisas que nem os alunos das nossas Universidades conhecem de ouvido. E' o país do canto. Quando os pequerruchos ainda balbuciam já sabem a sua canção, o seu motivo musical. Nesse livro de Paré apareciam todos os países. Até a pequenina Servia com três orfeons!

—E Portugal aparecia?

O musico, scintilando os seus oculos:

—Sim, aparecia. Paré fez duas consultas para o inquerito: via diplomatica e via particular. A primeira, como sabe, é sempre sêca, laconica. A outra é mais detalhada...

—Quem respondeu por Portugal?

—Particularmente foi Lambertini. Disse a verdade. Conhecia apenas algumas tunas e solidós. Se, realmente, existiam orfeons, eram tão pequenos, tinham tão pouca importancia que ninguem dava fé deles. Desolador! não é?

—Sempre o seu nome andou ligado a orfeons, Herminio do Nascimento?

—Sempre. Tenho uma grande fé. Já consegui muita coisa; porque não conseguirei o que sonho?

E o musico, que é novo, novo em anos, ainda que velho na arte, condição para vencer, pede-nos que façamos paragrafo longo, para ele dizer um pouco do seu trabalho. Obra lhe chamaremos, com mais precisão e menos modestia.

—Andei com o Orfeon Academico; cantámos em S. Carlos... Mais tarde, na Politecnica, com o orgão que a Federação Academica comprou, conseguia pôr de pé essa obra de Palestrina, o *Tannhauser*, mais algumas coisas... Não sei porquê, mas o Orfeon começou a ser centro de politica... Não porque eu ouvisse discussões; disseram-me. Os republicanos não iam á lição de canto para não se encontrarem com os monarquicos; estes, para não falarem com os republicanos e para não discutirem com os integralistas...

—Morreu!

—Morreu, mas ha de ressuscitar! Tenho fé...

A sua frase habitual:

—Se eu tenho conseguido coisas bem dificeis, porque não hei de conseguir essa?

E fecha-se o paragrafo.

—Ha tempos os directores da Sociedade de Musica de Camara pensaram em organizar no Conservatorio um orfeon. Tomou conta dele o sr. Freitas Branco, mas em breve o deixou... Muito trabalho! Chamaram-me. Com alguns elementos do orfeon Academico, baixos e tenores, puz aquilo de pé. O ano passado (?) apresentámo-nos pela primeira vez em publico e bem. Muita ordem, muita disciplina nos orfeonistas. O publico gostou; houve boas criticas, que, de resto, só nos faziam justiça...

E depois de nos contar este seu triunfo, Herminio do Nascimento, começa a falar da necessidade de se executarem em Portugal varias peças musicais, absolutamente desconhecidas.

—Quere vêr! Em tempos, Viana da Mota tocou na Orquestra Sinfonica uma composição de Berlioz. Tocou-se em parte apenas, porque lhe faltaram quarenta vozes que cantassem doze compassos de musica! Dizia ele no seu programa que não tinha encontrado ninguem para cantar! Desolador, pois não é? Se você soubesse o trabalho que tive para reunir setecentas vozes, na festa da paz no Jardim Zoologico!

— Lá fóra ...

— E' outra coisa, nem é bom comparar, para não ficarmos envergonhados. Abre-se um programa: é facil nele encontrar — 9.ª sinfonia de Beethowen. Pois essa sinfonia, como sabe, ainda não foi executada em Portugal porque faltam os coros para juntar á parte sinfónica.

— Herminio do Nascimento luta no entanto. Tem alguma coisa para fazer?

— Penso em ressuscitar o orfeon academico. E' já um grande passo Ha outros ainda para dar...

— Outros...

— O meu sonho é conseguir organizar o orfeon de Lisboa. Tenho pensado nisto... Se tenho conseguido outras coisas, porque não conseguirei esta? Naturalmente terei que pedir o auxilio da Universidade popular, por causa da séde. Aí instalado então, aceitarei todos: estudantes e operarios, costureiras e senhoras, contanto que tenham boa voz...

— E chegará o dia de ouvirmos a 9.ª sinfonia de Beethowen?

— Chegará! O publico ouvirá algumas obras de Palestrina e a sua obra maxima; «A Missa do Papa Marcelo», que é admiravel! extraordinaria. Porque não conhecem isto em Portugal, porque ficam admirados da sua beleza, da riqueza do seu ritmo nupcial quando entender qualquer obra de Palestrina...

Aqui um senão do orfeon do Conservatorio que Herminio do Nascimento afirma ter já dito muitas vezes:

— Quem se importa menos com o orfeon são as alunas do Conservatorio. Os elementos de fóra são mais assiduos.

— Em Portugal não ha quem cante!

— Não poucos; não é por serem avessos á musica. O que é necessario é educar a criança desde a escola. Dentro de quinze anos, estou convencido que, com os orfeons escolares e academicos que ha por toda a parte sem caracter obrigatorio, se consiga mais do que se tem conseguido até agora.

Na parede, a mascara de Beethowen, olhos fechados para a vida e entreabertos para a morte, escutava. Ouvirá ele ainda, imortal como é o seu espirito, em Portugal a sua sinfonia? Responder-lhe ha, muito em breve, talvez, o trabalho do nosso orfeonista Herminio do Nascimento.

Por Angola

Interesses provinciais

Não estando ainda promulgada a lei administrativa provincial, e tornando-se necessario, em resultado da constituição dos Conselhos de Distrito, regular a forma de aprovação das deliberações das instituições municipais e locais, foi pelo Alto Comissario determinado o seguinte:

Não são executorias sem aprovação do Governador Geral, em Conselho Executivo, as deliberações das corporações municipais sobre: emprestimos; impostos ou taxas adicionais aos impostos da Provincia, lançados nos termos das leis organicas e legislação provincial em vigor; criação de serviços e empregos, aumento de dotação destes, e supressão duns e doutros; concessão, mediante prévia hasta publica, de exclusivos municipais de qualquer natureza, á excepção dos das carnes verdes; celebração de contratos, cujos encargos excedam dez por cento da receita municipal ordinaria, ou cujo periodo de tempo seja superior a três anos; concessão de caminhos de ferro e outros sistemas de viação publica a companhias ou particulares; compra, venda ou doação de bens imobiliarios, (excluindo as vendas e trocas de terrenos destinados a alinhamentos de edificações, junto de ruas, avenidas e estradas), e ainda de quaisquer papeis de crédito; conveniencia de ser declarada a utilidade publica ou a urgencia de expropriações.

A percentagem adicional aos direitos de importação de mercadorias entradas para consumo, cobrada na alfandega por ocasião do despacho aduaneiro, não poderá exceder o maximo de vinte por cento dos direitos.

Não são tambem executorias sem aprovação do respectivo Conselho do Distrito as deliberações das corporações municipais sobre orçamentos ordinarios ou suplementares; organização ou dotação de serviços e fixação das respectivas despesas; posturas e outros regulamentos publicos de execução permanente; contratos de execução de serviços de fornecimentos e arrendamentos, de duração entre dois a três anos; concessão, mediante previa arrematação, de exclusivos de carnes verdes e de subsidios a instituições ou estabelecimentos particulares de beneficencia, instrução e educação; transacção, confissão ou desistencia de pleitos.

O imposto de prestação de trabalho, numa area não superior a cinco quilometros da residencia ou propriedade explorada pelo contribuinte, poderá compreender o serviço de pessoas ou o uso de viaturas, barcos e outros meios de transporte, animais, alfaias agricolas, podendo ser remido a dinheiro segundo a tabela anualmente revista e aprovada.

As deliberações municipais e das juntas locais, tanto definitivas como provisorias, mesmo depois de aprovadas, podem ser revogadas pelos meios contenciosos quando contrariarem as disposições legais ou ofenderem direitos fundados nas leis ou regulamentos de administração publica.

Uma saudação ao "Diario de Lisboa"

Recebemos o seguinte radio de bordo do vapor *Almanzora:*

De passagem para o Rio de Janeiro, a bordo do vapor *Almanzora*, venho apresentar a v., com as minhas despedidas, os meus melhores agradecimentos pelo patriotico apoio que encontrei no seu jornal para a missão de que fui incumbido pela Camara Portuguesa de Comercio do Rio, junto do Governo e das associações portuguesas, a proposito da representação de Portugal na proxima exposição daquela cidade. Atenciosas saudações. —*Gomes Barbosa.*

SAÍU DO PRELO

"FÓRA DE PORTAS"

— POR —

FERNANDO EMYGDIO DA SILVA

2$50

COIMBRA-EDITORA

(Antiga casa França & Arménio)

MANUEL JERONIMO DE MATOS, SUCESSORES

FABRICANTES DE LANIFICIOS

COVILHÃ

— — — Aviso importante aos nossos clientes — — —

A todas as pessoas que se dignam honrar-nos com as suas encomendas recomendamos que conservem em seu poder as amostras preferidas, fazendo os pedidos pelos numeros que elas contêm. Assim poderão, ao receber as fazendas, verificar facilmente se são iguais ás amostras. Tomamos inteira responsabilidade pelas remessas expedidas, aceitando qualquer reclamação fundamentada que nos seja dirigida, dada a hipotese, muito improvavel, de haver qualquer engano ou troca na expedição. Só devem ser devolvidas as amostras que se não escolherem.

ARTIGOS E INFORMAÇÕES

A Cidade

CRONICAS E ENTREVISTAS

Musica

A "Carmen" em S. Carlos

Vibra toda a alma da Espanha, cavaleirosa, cruel e romanesca nesta musica ardente e passional para onde a alma expansiva de um francês amavel—Bizet—soube transportar com rara compreensão toda a exuberancia peninsular, das castanholadas sonoras, do agitar febril e garrido dos leques travessos em tardes tumultuosas onde esfusiam gritos de alegria, aguçados pela embriaguez excitante do sangue quente das arenas, emquanto as mantilhas romanticas esvoaçam batidas pela aragem perfumada dos laranjais floridos de Sevilha.

A interpretar a protagonista, apareceu-nos em todo o esplendor da sua bem timbrada voz e traduzindo admiravelmente a heroina em toda a sua provocante desenvoltura, a sr.ª Ellen Sadoven, que satisfez, e até nalguns pontos, entusiasmou o publico como fôsse, por exemplo, na «habanera».

A sr.ª Alma Bucci fez uma «Micaela» adoravel de ingenuidade, cativando pelas inflexões puras da sua voz fresca, em que a sua maneira de atacar as notas com uma delicadesa e uma transparencia ideais, abrindo-as gradualmente até ao seu maximo de intensidade, põe um encanto especial.

De todos os papeis em que nesta temporada vi a sr.ª Alma Bucci, foi aqui que me pareceu em momento mais feliz.

O tenor Stefan Bielina tem no «D. José» uma criação admiravel. Não só a sua voz linda, quente, redonda, aveludada, mas ainda a sua dramatização apaixonada, o fogo e a notavel sinceridade que sabe imprimir á frase, o gesto, a boa caracterização, tudo emfim concorre extraordinariamente para o impôr como um grande interprete do impulsivo dragão. Agradou-me absolutamente no quarto acto, na scena em que o amor se corporisa na lamina de uma navalha para penetrar, irascivel, o coração da leviana cigarreira. No segundo acto foi interrompido por aplausos intensos e justissimos ao cantar num arrebatamento de paixão admiravel a conhecida aria da flôr, dessa flôr enfeitiçada cujo sortilegio o toma todo no momento em que a mão perversa de «Carmen» lha arremessa direita ao coração como um estilete envenenado.

Erico Roggio, bem no «Escamillo».

Os restantes, procurando agradar nos respectivos papeis. A orquestra, sob a batuta de Samonssoud muito bem, com calor, com entusiasmo e muito minuciosa em toda a partitura. Os coros e os bailes, de modo a satisfazer.

Para descansar a atenção da representação do palco, veu olhando curiosamente a da sala. O movimento do publico, as suas conversas, as suas atitudes constituem tambem por si uma segunda representação.

A sua peça—alta comedia sempre—decorre á inversa da que se desenrola á luz da ribalta. Os seus entreactos são durante os actos da outra. E, como as entrelinhas de certas cartas em que se lê mais do que nas linhas escritas, ela não é a menos interessante. E' a vida no seu aspecto mais frivolo, com os seus artificios, as suas futilidades, as suas adoraveis mentiras.

O publico numa aglomeração fantastica, enche o teatro sem deixar um logar vago e representa bem o seu papel de sociedade civilizada, tratando com cuidado a frase e as atitudes. A indumentaria, a indumentaria então, que elegancia, que gosto, que luxo estonteante!... O palco é um museu de almas. A sala um museu de corpos, um museu de corpos admiraveis onde aqui e além a ausencia do vestido é suprida por notavel profusão de joias, de joias fascinantes, que cegam, que ferem, que apunhalam na penetração crua das suas scintilações batidas pela luz. E, como detalhe frisante de um «charme» inexcedivel, em obediencia a um encantador decreto da moda actual, garridos «mantons» madrilenos cobrem zelosos os ombros nus de muitas das espectadoras, vendo-se ainda, como para reforçar a nota tipica, sobre quasi todos os penteados o alto pente privativo das espanholas, o que dá ás nossas lisboetas qualquer ponto de semelhança com a graciosa heroina de Merimée.

Foi emfim uma noite memoravel esta em que o nosso publico se despediu de «premières» pois foi a «Carmen» a ultima opera apresentada pela companhia.

Oliva Guerra

Vende-se, na Figueira da Foz, na tabacaria Malafaya.

NOTICIA SEM FUNDAMENTO

Vai declarar-se a "greve" geral?

O que nos disse um membro da C. G. T.

Tudo se resume a um boato que é formalmente desmentido — Os movimentos grevistas do pessoal da Companhia Carris e das classes maritimas

O boato circula já ha uns quinze dias. Como o desarmamento da G. N. R. e a concentração em torno de Lisboa pouco dessem que fazer aos alviçareiros de *café*, eles logo trataram de engendrar com que manter os creditos de pessoas bem informadas. Gréve geral... O operariado vai manifestar-se turbulentamente... Porquê? Mas porquê? A explicação vinha logo, embrulhada num comico superior, proprio de quem está ao par dos negocios mais transcendentes:—«Você não sabe? A solidariedade é que leva os proletarios a um passo tão arriscado. Estão os *electricos* em gréve, as classes maritimas tambem e o governo, que tem de manter a ordem, trata de *furar* esses movimentos o melhor que pode. Logo...»

O boato cresceu, tornou-se gente, creou mesmo forças para intervir nas brincadeiras do Carnaval. Ainda hoje de madrugada, num dos bailes reles celebrados nos teatros da Baixa, quando chupavamos um cigarro, cheios de tedio, ele se debruçou, murmurando, emquanto esfregava as mãos alegremente:

—Então, vamos ter grandes noticias... Hein! Uma grevesinha geral para entreter a debilidade revolucionaria cá do burgo...

* * *

Que há de verdade nisto tudo? Porque circula com insistencia tal um boato que, aparentemente, nada justifica? Houve jornais que gastaram colunas sôbre colunas a anunciar a má nova e politicos que a glosaram, receosos, em cavacos de *restaurant*. Pois tiremo-nos de duvidas. Aqui proximo, no edificio da C. G. T., o *reporter* sempre encontrará alguem que fale verdade e lhe dê a explicação disto tudo.

Quem mais autoridade apresenta para a apreciação de assuntos desta ordem, é o sr. Manuel Joaquim de Sousa, secretario geral daquele organismo. Mas êle não está. Quebrado o puritanismo que os principios libertarios exigem, em proveito das folias entrudescas, disso se ressentiu a sua habitual hora de entrada no *bureau* confederal. Duas, três da tarde. E o jornal, que precisa descobrir materia de interesse com que encher as suas colunas, socorre-se então de um outro funcionario sindical que, de categoria inferior, oculta o nome para que as suas palavras melhor interpretem o sentir geral da massa operaria organizada.

* * *

Um gabinete modesto. Da calçada do Combro, peneirada por um janelão largo, entra uma boa restea de sol — anuncio a quatro colunas da Primavera, que o tempo faz inserir gratuitamente. Na sua secretaria modesta, no á vontade proporcionado pela visita de um *reporter* já conhecido, o entrevistado, em estranha inversão de papeis, interroga:

—Então, que o traz por aqui?

A razão apresenta-se, dissimulada em palavras gentis, não vejam nela um proposito de calunia:

—A greve geral... Fala-se aí tanto nisso...

—Já esperava isso. E' uma mentirola que tem feito curso.,. forçado, tal como as notas do Banco de Portngal. Tem havido uma insistencia tão grande em manter a balela tão firme, que nós, por a compreendermos bem, procuramos não compreender nada...

—Mas...

—E' inutil rebuscar qualquer coisita que o habilite a dar fundamento ao *canard*.

—Não ha nada? Nós julgamos... As greves dos electricos, das classes maritimas... A necessidade de compelir os patrões e o governo a uma solução vantajosa...

— Você compreende. As «greves» ganham-se e perdem-se, como tudo neste mundo. Seria de má politica—leia-se politica mundial—jogar agora, numa cartada que, por muito importante, não tem uma importancia vital, os elementos de combate de que dispomos. A causa dos nossos camaradas da Carris e das classes maritimas tem toda a nossa solidariedade. A solidariedade que dispensamos a todas as outras classes. Mas, a realizarmos agora um movimento grevegeralista, ele só teria efeitos contraproducentes que beneficiariam sómente a classe capitalista e o Estado.

— Repare que, perante uma tal manifestação de força, talvez se conseguisse uma conclusão não desonrosa para as greves.

—E' possivel... E' possivel... Mas nós temos a opinião de que, em determinados momentos, vale mais retirar que tomar a ofensiva. O horizonte está demasiadamente nublado e existe uma elevada percentagem de cousas incompreensiveis, que nos indica a conveniencia da classe operaria, mantendo-se álerta, tomar uma atitude espectante que a habilite a recolher elementos de apreciação que determinem o caminho a seguir de futuro...

—Linguagem sibilina—observámos.

—Mas que misterio algum encobre—ripostou o nosso interlocutor.

* * *

E estão as coisas assim. Greve geral—não há. Que o entrevistado falou com sinceridade, não tentando reservar qualquer pensamento. O resto, o que por aí se diz, bem pode ser reputado, pelo publico, de novelas, urdidas por uns ingenuamente, propaladas por outros em obediencia á fauna escura, de mau designio, de manter a população em sobressalto contínuo, não lhe dando um dia de bem-estar, uma hora de tranquilidade.

Porque não figuram os mutilados portugueses

na estatistica publicada pela Sociedade das Nações?

Informa-nos a direcção da Cruzada das Mulheres Portuguesas que em Setembro de 1920 enviou para o ministerio da Guerra os elementos solicitados para o inquerito promovido pela Repartição Internacional do Trabalho da Sociedade das Nações, sobre os mutilados da guerra. A resposta compreendia informações ácêrca dos serviços administrativos, associação dos mutilados, numero de mutilados, documentação sobre pensões e sobre protese, reeducação profissional, colocações, seguro de mutilados contra os desastres no trabalho e nota dos trabalhos e publicações feitas entre nós sobre o assunto.

Era uma informação completa que devia ter seguido o seu destino por intermedio do ministerio da Guerra, não se compreendendo que não haja uma unica referencia aos mutilados portugueses, na estatistica que ultimamente foi publicada.

Os Teatros

Atrás do reposteiro

Está definitivamente assente que a estreia em Lisboa da Companhia de «Madame» Pierat se efectuará a 8 do corrente, no Nacional, possivelmente com a peça de Henry Bataille «Marche Nupciale».

—A companhia do Nacional, durante os espectaculos de «Madame» Pierat, vai dar alguns espectaculos fóra de Lisboa, entre eles, três em Coimbra, no teatro Avenida, nos dias 10, 11 e 12, respectivamente com as peças «O Centenario» «Primerose» e «Carta anonima».

—Está de luto o conhecido cabeleireiro de teatros, excelente artista, Vitor Manuel, pela morte de seu irmão Augusto do Carmo, que foi durante muitos anos fiscal do teatro de S. Carlos e empresario de alguns teatros de feira e do Chalet da Esperança, que funcionou na rua do Poço dos Negros.

—Chegou ontem á noite, no rapido, o empresario do Brasil sr. José Loureiro, que vem preparar-se para seguir brevemente para o Rio de Janeiro.

—O cronista teatral da «Manhã», no seu artigo de hoje, recordando o aniversario daquele jornal, lembra que o motivo que fez abrir a dissidencia entre os seus fundadores e a antiga direcção do «Mundo», onde trabalharam, foi uma questão de teatros.

—Nenhum dos artistas do Nacional, do seu quadro de societarios, cujos nomes foram recentemente anunciados para tomarem parte numa festa num dos teatros de Lisboa estavam autorizados pelo respectivo comissario do governo, não tendo, portanto, permitido a sua inclusão nessa festa.

—Deu-se um conflito, no Aguia de Ouro do Porto entre o ensaiador Augusto Soares e o empresario Antonio Macedo. Por esse motivo, esteve ontem em este Lisboa, regressando á noite áquela cidade.

—Vai entrar em ensaios, no Nacional, a peça do dr. Ramada Curto «Os Tenorios», segundo original português que se põe em scena naquele teatro esta epoca.

—Se a companhia do teatro Aguia de Ouro do Porto fôr ao Brasil não irá o actor Carlos Leal, sendo a primeira peça a pôr em scena, no Rio de Janeiro, a revista «Tic-Tac».

—No Salão Foz, hoje e ámanhã, realizam-se os ultimos ensaios da nova revista «Giga-Joga», de Antonio Carneiro e Lino Ferreira.

—A peça de Vitoriano Braga «Casaca encarnada» sobe á scena no Politeama depois dos espectaculos da Compaphia Pierat.

—A companhia que esteve trabalhando em S. Carlos, estreia-se no S. João do Porto, no dia 5 do corrente.

— Tendo as familias que costumam frequentar a geral nos concertos Blanch manifestado desejos de com tempo adquirir esses logares para a recita-concerto de Luiz Cardoso, secretário do teatro de São Luiz, que se realiza na proxima sexta-feira, 3, já estão á venda os bilhetes de geral e outros. O programa é dos mais notaveis e artisticos que ultimamente se teem organisado, tomando parte todos os principais artistas da companhia lirica de São Carlos; o grande pianista Viana da Mota, que executará pela unica vez a extraordinaria fantasia de Liszt sobre motivos da opera «Norma»; a celebre bailarina Ginevra Pratolongo que apresenta pela unica vez as suas famosas «Dansas classicas», sendo a orquestra aumentada, dirigida pelo maestro Pedro Blanch; o notavel violencelista Henrique Mendonça; a insigne harpista madame Vercruysse de Sá; versos de André Brun ditos pelo autor; canções portuguesas e brasileiras por Ausenda de Oliveira, Aldina de Sousa, Sales Ribeiro e Fernando Pereira, um acto de opereta, etc.

CARTAZ

S. Carlos—Não ha espectaculo.
Nacional—A's 21—Não ha espectaculo.
S. Luis—A's 21—«O jardim de Aspasia».
Politeama—A's 21,30—Não ha espectaculo.
Avenida—A's 21-15—«Miss Diabo».
Apolo—A's 21,15—«De capote e lenço».
Chiado Terrasse—Não ha espectaculo.
Eden-Teatro—Não ha espectaculo.
Salão Foz—Não ha espectaculo.
Avenida-Parque—Não ha espectaculo.
Coliseu dos Recreios—Não ha espectaculo.
Gil Vicente (á Graça)—Aos domingos, segundas e quintas feiras—«Pim Pam Pum».
Teatro dos Anjos—A's 20,30—Companhia de variedades.

Animatografos e variedades

Olimpia (Rua dos Condes).
Cinema Condes (Avenida da Liberdade).
Salão Central (Praça dos Restauradores).
Salão Ideal (Rua do Loreto).
Salão da Promotora (Ao Calvario)—Aos domingos, segundas, quintas e sabados—Animatografo.
Cine-Paris (Rua Ferreira Borges).

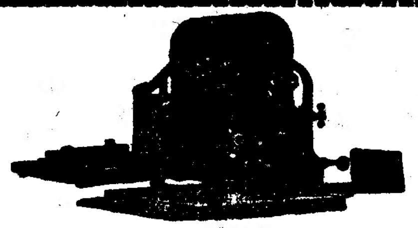
A "LEVA DA MORTE"

Não é José Tomás Rosa, mas sim José Tomás de Sousa a pessoa a que se faz referencia na nossa reportagem sobre o caso da «Leva da Morte».

MALAS POSTAIS

Pelo «Ussukuma» são ámanhã expedidas malas postais para Las Palmas, Angola e Congo, sendo ás 12 horas a ultima tiragem da caixa geral e fechando os registos ás 10.

A lampada PHILIPS
E' sempre preferida em todo o mundo, **por ser a melhor**
RAUL VIEIRA, Ltd.
RUA DA PRATA, 51 — TELEFONE 3586 C.
Tem DEPOSITO de todos os tipos e intensidades
PREÇOS ESPECIAIS PARA REVENDEDORES
Lampadas para AUTOMOVEL e para FOGÃO



CADA ESCRIPTORIO precisa organização!!
CADA NEGOCIO precisa desenvolvimento!!

O DUPLICADOR

RAPIDO, LIMPO, SIMPLES

A. Gestetner — 70 cópias por minuto — pode ser nos dois casos de imensa utilidade

Peçam detalhes á casa

— A. GESTETNER —

Rua da Conceição, 125, 4.º

LISBOA — Telefone C. 320 — LISBOA

GRANDE HOTEL PORTUGAL

SISTEMA AMERICANO

12, RUA DO AMPARO

LISBOA

Falam-se linguas

Serviço de Restaurant

Fonsecas, Santos & Vianna

BANQUEIROS

ESTABELECIDOS EM 1861

Rua do Comercio, 116 a 132

Telegramas: *SANVISE-LISBOA*

Instalações electricas

Orçamentos gratis

MATERIAL ELECTRICO

Grande stock de lampadas

PHILIPS-ARGA

É quem vende mais barato

Preços especiais aos revendedores

Telefone C. 5430 — Telegrafo DIFONSO — DIAS, FONSECA & SOTO MAIOR L.da

Rua dos Fanqueiros, 122 — LISBOA

DINHEIRO

Empresta-se sobre ouro, prata e brilhantes e sobre todos os objectos que ofereçam garantia.

Empresta-se sobre louças antigas e compram-se todas as qualidades das mesmas.

ANTONIO PEDRO DA SILVA

R. DAS GAVEAS, 6, 1.º

TEL. 1096

Empreza Internacional, L.da

Rua Augusta, 76, 1.º

TELEFONES: CENTRAL 5052 e 346

TELEGRAMAS:---GALVANICA

APARELHAGEM ELECTRICA PARA ALTA E BAIXA TENSÃO

VOIGT & HAEFFNER A. G.

Á VENDA NAS DROGARIAS, LOJAS DE FERRAGENS, ETC.

APU

«APU»

O MELHOR PÓ PARA LIMPEZA E BOA CONSERVAÇÃO DO ALUMINIO

UZÁ-LO UMA VEZ É ADOPTÁ-LO PARA SEMPRE

DEPOSITARIOS:

Figueiredo & Teles, L.da

R. Alves Correia, 75, 1.º

CARVÃO VEGETAL-COKE BRIQUETES

TELEFONE C. 4419

VENDAS AO DOMICILIO EM SACOS SELADOS

FRANCISCO LEITÃO & C.ª F.ºs

RUA DA COSTA LISBOA

ELECTRICIDADE PORTATIL

Luzes de bolso!!!

Lampadas de algibeira, bastões, tarches, lanternas para trazer na mão, pilhas, baterias.

EFEITO SURPREENDENTE!

Descontos aos revendedores

Remete-se para a provincia

CASA TRIUNFO

R. Augusta, 72, 74

LISBOA

Pinto & Sotto Mayor

BANQUEIROS

LISBOA	PORTO
Rua do Ouro, 18, 24	Praça da Liberdade, 28, 29

REPRESENTANTES EM PORTUGAL DO

BANCO PORTUGUEZ DO BRAZIL

Operações financeiras—Fundos publicos nacionaes e estrangeiros

BANCO DE PORTUGAL

Dividendo de 15 %

O pagamento deste dividendo, relativo ao 2.º semestre de 1921, livre de impostos, ha-de começar no dia 1 de Março proximo, das 10 ás 13 horas, e continuará em todos os dias uteis.

Recomenda-se aos srs. accionistas, para regularidade do serviço, que mencionem os titulos averbados ao portador em relações separadas das dos titulos nominativos.

Lisboa, 27 de Fevereiro de 1922.

Pelo Banco de Portugal,

Os Directores

J. Mota Gomes Junior

J. Pereira Cardoso

TELEFONES DO "DIARIO DE LISBOA"

Redacção—C. 3194

Administração—C. 3195

AGENCIA GERAL DE ANGOLA

(Instituição oficial criada por decreto do Alto Comissariado da Republica em Angola, n.º 16, de 19 de Maio de 1921)

SÉDE—RUA DA MADALENA, N.º 237, 1.º ANDAR—LISBOA

ENDEREÇO TELEGRAFICO «AGENCIANGOLA»—TELEFONE C-3557

OS SERVIÇOS A CARGO DA AGENCIA SÃO OS SEGUINTES:— Serviços de colonização e imigração; Aquisição de materiais e demais artigos destinados ao Governo Geral de Angola; Serviços relacionados com emprestimos; Serviços de propaganda da Provincia e informações.

Esta Agencia Geral presta todos os esclarecimentos que digam respeito á provincia de Angola e que lhe sejam solicitados por qualquer pessoa

DAS 5 PARTES DO MUNDO

ESTRANGEIRO

DAS 5 PARTES DO MUNDO

NO MUNDO FINANCEIRO

A REORGANIZAÇÃO DA EUROPA

poderá ser obra de um "consortium"?

Vinte milhões de libras para pôr em pratica uma ideia da Conferencia Financeira Internacional

LONDRES, 1

A Conferencia Financeira Internacional de Londres publicou um relatorio onde se diz que se está tratando de organizar corporações nacionais nas diferentes nações, tendo a sede principal em Londres, para examinar as probabilidades de uma acção conjugada para a organização europeia, não se tratando comtudo de organizar um monopolio. O capital será de cinco milhões de libras, do qual vinte por cento será imediatamente realizado. A Inglaterra, a França, a Italia, a Alemanha e a Belgica são convidadas desde já a iniciar as operações, subscrevendo vinte por cento do capital e os Estados Unidos, o Japão, a Dinamarca, a Holanda, a Suissa, e a Tcheco-Slovaquia vão ser tambem convidadas a tomar parte no consortium. A corporação recuza-se a entrar em transacções com as paises que não reconheçam as dividas ou obrigações contraidas pelos seus governos passados ou futuros. — (R.).

Trinta milhões de "dollars"

para a marinha mercante americana

WASHINGTON, 1

O presidente Harding propôs ao congresso empregar todos os anos cerca de trinta milhões de «dollars» dos impostos cobrados em subvencionar a marinha mercante.—(R.)

Cem submarinos para a marinha de guerra americana

WASHINGTON, 1

Foram dadas ordens para serem construidos cem submarinos para a marinha americana.—(U. P.)

DEPURATOL

dispensa...

...o uso das classicas injeções hipodermicas ou intra-venosas (606, 914 e de todas as outras substancias antigas ou modernas (qualquer que elas sejam), sempre dolorosas incomodativas e nem sempre isentas de grandes perigos, as repugnantes fricções mercuriais e os mais tratamentos usados no combate da sifilis. O DEPURATOL só por si constitue o tratamento mais completo desta perigosissima e contagiosa doença.

Durante o uso...

desta notavel preparado não se deve usar de qualquer outro tratamento anti-sifilitico, não só porque essa acumulação poderia trazer inconvenientes, mas tambem porque é necessario aos doentes reconhecer os beneficios do DEPURATOL—produto eficaz e inofensivo em todo os casos! —beneficios estes que, a não ser assim, poderiam erradamente ser atribuidos a qualquer outro tratamento.

Exijam no acto da compra do DEPURATOL o interessante livrinho gratuito: **Perigos da Sifilis e Instruções.** Pedidos em LISBOA, na Farmacia J. Nobre, Rocio, 109, e no Porto, na Farmacia dr. Moreno, Largo de S. Domingos, 42, e nas pharmacias nos seus depositos. Preços: 1 tubo, 3$85, 6 tubos, 21$50. Pelo correio, porte gratis.

OS "SOVIETS" PERANTE A EUROPA

Lenine vai a Genova

e "espera que as nações reconheçam um governo a que se não opõe a vontade do povo russo"

Se os «soviets», conforme temos noticiado, preparam os seus melhores argumentos e põem a realidade de harmonia com os desejos dos aliados, de forma a provar na Conferencia de Genova que são eles o verdadeiro governo da Russia, não descuram a outra parte oposta a esta: a de se precaverem para o caso das suas aspirações não serem satisfeitas.

Abolindo o tribunal inquisitorial da Tcheka, propondo o desarmamento do exercito vermelho, Lenine apresenta-se como o legitimo governante da Russia, e assim, «espera que as outras nações reconheçam um governo a que se não opõe a vontade do povo russo»; por outro lado, as suas esperanças de reconhecimento e consequentes auxilios e relações comerciais não vão tão longe, que não prepare tambem a força, para fazer valer a sua vontade. Esta segunda parte está confiada a Trotzky, o comandante das forças do exercito vermelho.

Na reunião dos representantes das tropas da guarnição de Moscou, Trotzky falou desta sorte:

«Ainda que o nosso exercito tivesse já sido reduzido de 6.300:000 a 1.370:000 homens, conserva ainda um grande poder de combate, graças ás excelentes qualidades do corpo dos oficiais e do pessoal dos comissarios. Não podemos ir mais longe no caminho da redução dos efectivos militares, porque, se o fizessemos, os capitalistas desencadeariam uma nova ofensiva contra nós.

«Devemos prevenir antecipadamente a nossa delegação á Conferencia de Genova, que se as negociações preparatorias durarem mais de 10 dias, aumentaremos as forças do exercito em 10 0|0; se durarem 20 dias, em 20 0|0 e chegaremos mesmo aos 30 0|0 se as negociações não derem resultado antes de um mês.

«No caso de as condições que nos forem impostas, não serem demasiado pesadas, poderemos desmobilizar mais uma classe. Mas é possivel que Genova nos não dê qualquer resultado satisfatorio; devemos estar prontos para esta eventualidade e declaramos em voz alta que, se isso acontecer, não deporemos as armas antes que os nossos vizinhos, a Polonia, a Romenia e a Finlandia não se tornem por sua vez um governo sovietista.

«Ainda que na hora actual estejamos mais proximos do que nunca do reconhecimento oficial, estamos tambem mais proximos da guerra.»

* * *

Vê-se, pois, que o governo russo não deixa de contar com um possivel desacordo em Genova e talvez mesmo com os vizinhos, este dependente daquele, pois as relações russo-romenas, ainda que cortadas actualmente por um incidente, não se agravarão até que as grandes potencias resolvam ou não, decidir o reconhecimento do governo dos «soviets».

Ao mesmo tempo que o comissário das finanças comunicava que o «deficit» do orçamento russo para este ano, é imensamente maior do que se calculava, quando se sabe que os «soviets» não têm recursos sequer para acudir á tremenda calamidade que dizima as populações do Volga, a Roménia exige á Russia, por virtude das grandes dificuldades que atravessa, que esta lhe restitua o ouro apreendido durante a guerra, impondo tambem a aceitação definitiva da união da Besserábia á Roménia.

Estas exigencias da Roménia determinaram o rompimento de relações entre ela e a Russia, relações que ficarão sem duvida suspensas, até que a Conferencia de Genova se pronuncie, dando então uma orientação ás pequenas nações.

EDEN-Teatro

A SEMANA DOS : 9 DIAS :

Brevemente

Salão Foz

BREVEMENTE

GIGA-JOGA

Revista

GAZOLINA "Shell" PETROLEO

QUALIDADE SUPERIOR

Oleos combustiveis

Oleos de lubrificação

PEDIDOS Á

THE LISBON COAL & OIL FUEL C.° L.TD

LISBOA — Rua do Crucifixo, 49

PORTO — 246, Rua Mousinho da Silveira, 250

NOTICIAS DE BERLIM

A CASA DE GOETHE EM PERIGO

Para a salvar realizou-se uma festa

O escritor Gerhardt Hauptmann disse que a espada não era o unico simbolo do sentimento alemão

BERLIM, 1

Numa festa que se realizou em Francfort para obter fundos destinados a salvar a casa de Goethe, que ameaça ruina, o ministro do interior, sr. Konstar, disse esperar que o apelo feito para que se salvasse o edificio do Estado alemão fosse tão bem correspondido como aquele que agora era feito para se salvar a casa do Goethe. Acrescentou que o passo que se deve dar todo o desenvolvimento aos ideais modernos, não se devem deixar esquecer os ideais tradicionais. O escritor Gerhardt Hauptann, frizando a necessidade de a alma nacional alemã ser desenvolvida por aqueles que estavam animados pelo espirito de Goethe, disse que a espada não era o unico simbolo do sentimento alemão, e que a enchada do trabalhador, a ferramenta do operario e o cerebro do pensador eram melhores representantes do espirito nacional.—(R.)

Um hidro-avião português em Ferrol

FERROL, 1.

Com autorização do capitão general deste departamento, entrou no arsenal o hidro-avião português «C. Pan», que ali permanecerá até á sua partida para Portugal. Os tripulantes lusitanos mostram-se encantados com as facilidades que lhes proporcionaram as autoridades espanholas.—(L. A.)

As mulheres do Japão

manifestam-se por não lhes ter sido conferido o direito de voto

TOKIO, 1.

O voto das mulheres foi regeitado por 159 votos contra 8. Houve por esse motivo tumultos que não passaram de algazarras promovidas pelas feministas.—(L. A.)

Agravou-se o estado de Lenine

RÉVAL, 1

Continuam a agravar-se os padecimentos de Lenine, que se vai fazer substituir nas suas funcões por Tsievroupa.—(U. P.)

A princesa Mary e o visconde de Lascelles

Tiveram uma despedida afectuosa á partida para a sua viagem de nupcias

LONDRES, 1

Na estação de Paddington, a multidão fez uma despedida muito afectuosa á princesa Mary e ao seu noivo, quando partiram em viagem de nupcias. Realizaram-se grandes festejos populares em sinal de regosijo pelo casamento principesco e o rei publicou uma mensagem agradecendo ao povo a parte que tomou na alegria da familia real. — (L.-A.).

Uma tregua de 10 anos

Será proposta por Lloyd George na Conferencia de Genova?

LONDRES, 1

Diz-se que Lloyd George tenciona propôr na Conferencia de Genova uma tregua europeia de 10 anos, durante a qual se empreenderia a obra de reconstrução. Durante este periodo, as nações aliadas ou inimigas abster-se-iam de qualquer tentativa de agressão e consagrar-se-iam ... aos trabalhos da paz. — (L.-A.).

5 HORAS DA TARDE — ULTIMAS NOTICIAS — 5 HORAS DA TARDE

A TARDE POLITICA

O perigo duma greve geral

Continuam a concentrar-se tropas nos arredores da cidade

O boato, que durante o Carnaval andou mascarado de pessoa de sizo, voltou hoje ao seu campo de acção, tendo espalhado aos quatro ventos as mais fantasiosas noticias.

Apesar quatro dias de socego politico nos espiritos dos que da politica fazem profissão e nos espiritos dos que a discutem á falta de outro modo de vida, volta a ouvir-se com insistencia a pregunta sacramental:—O que ha?

***

O que ha? A darmos credito á opinião de pessoas optimistas não ha absolutamente nada—a não ser o cerco a Lisboa. Mas esse tão familiarizado está comnosco que já nos não aterroriza.

Fala-se numa greve geral para esta noite, para ámanhã...

Na entrevista que noutro lugar publicamos, o entrevistado afirma que se trata de uma «bluff»,

Apesar disso, um informador do *Diario de Lisboa* garantiu-nos que o governo teve conhecimento de que os elementos operarios organizaram hoje um movimento de protesto.

Sobre o assunto, conferenciaram largamente com o sr. presidente do ministerio, o comandante da G. N. R., governador civil de Lisboa e o sr. José dos Santos, vereador da Camara Municipal.

***

O governo tomou as costumadas medidas para garantir a ordem, no caso de virem a realizar-se as suposições que acima apontámos.

***

Consta que o Chefe do Governo convidou o almirante sr. Ernesto de Vasconcelos para fazer parte da delegação portuguesa á conferencia de Genova, como consultor colonial.

***

Deve chegar ámanhã a Lisboa o notavel professor sr. Leonardo Coimbra, que, a pedido dos parlamentares do P. R. P., falará em nome daquele partido, na sessão que ámanhã se realiza nos Deputados, de homenagem aos membros daquela casa mortos durante o interregno parlamentar.

***

O chefe do governo declarou hoje aos jornalistas que a concentração de tropas em volta de Lisboa continuará a fazer-se, emquanto não estiver completamente afastado o perigo de um movimento cegetista.

***

Deve chegar hoje a Lisboa, vindo de Coimbra, o comando do regimento de infantaria 23, com a respectiva banda e a bandeira.

***

Chegou hoje a Lisboa mais um contingente de infantaria 15, com a respectiva banda de musica.

O regimento de infantaria 16, segundo se afirma, não regressará a Sentarem, ficando aquartelado no seu antigo quartel do Castelo de S. Jorge.

ADVOGADOS
Pires do Vale
João de Vasconcelos
Luciano Barata
acções e recursos em todos os tribunais civis, comerciais, criminais e militares.
Consultas orais e escriptas desde as 11 ás 17 horas.
Rua Augusta, 129, 1.º — LISBOA

VICTOR MOREIRA FONTES
— CLINICA GERAL — DOENÇAS DAS SENHORAS —
CONSULTORIO
Rocio, 59, 1.º — Tel. 5:497 C.
CONSULTAS DAS 4 ÁS 6

UMA VIAGEM TORMENTOSA

Chegou ao Tejo o cadaver do infante D. Afonso de Bragança

O comandante do "Patrão Lopes" diz ao "Diario de Lisboa" como decorreu a viagem — O "Vouga" fundeou em frente de Belem, desembarcando ámanhã a urna que contém os restos mortais do infante

Fundeou esta manhã a éste da Torre de Belem o destroyer *Vouga*, devendo atracar ámanhã ás 14 horas, na ponte do Arsenal de Marinha, a fim de desembarcar o cadaver do infante D. Afonso de Bragança, que será transportado para a capela do Arsenal, onde ficará velado por praças do exercito e da armada.

Cerca das 14 e 10, fundeou tambem em frente do Arsenal o rebocador *Patrão Lopes*, que foi a Italia buscar o cadaver de D. Afonso e os dois torpedeiros austriacos que nos couberam das partilhas da guerra e depois se perderam no alto mar. O seu comandante teve uma demorada conferencia com o sr. ministro da marinha, regressando depois a bordo.

O *Patrão Lopes*, segundo nos informa o imediato sr. Castela, fez na ida uma excelente viagem. No dia 28 de janeiro ás 12 e 30, saíu de Tunes trazendo a reboque os contra-torpedeiros 85 e 88, navegando esplendidamente. A's 10 horas o vento refrescou.

Pouco depois rebentou a espia de fita de 12 polegadas de diametro que prendia os contra-torpedeiros, perdendo-se nesta altura de vista estes navios devido ao aguaceiro e ao intenso nevoeiro que por completo cerrou o horizonte. Retrocedeu e conseguiu arribar a Bizerta onde o imediato sr. Castela esperou que amanhecesse, enviando um radio geral comunicando o sucedido, visto os torpedeiros não terem farois e oferecerem perigo para a navegação.

O tempo começou a piorar cada vez mais e cerca das 4 horas do dia seguinte já o navio com muita dificuldade avançava. Tanto o *Patrão Lopes* como a sua tripulação corriam perigo.

O comandante deste navio resolveu arribar a Bone, a distancia de 30 milhas de onde se deu o sinistro.

O faroleiro de Lagorne chegou a comunicar para Bone que o *Patrão Lopes* se tinha afundado.

Três dias depois deram a carta de entre Cabo Negro e Taboca os 2 torpedeiros.

O torpedeiro 85 encontra-se encalhado na areia, com três rombos, e o 88 com avarias graves.

Só o torpedeiro 88 se poderá aproveitar.

O que nos diz o comandante do "Patrão Lopes"

Emquanto a marinhagem do *Patrão Lopes* embarcava num gazolina, com destino ao Arsenal, o sr. José Correia Pereira, comandante do barco, já em andaina de cidade, conversou alguns minutos com o jornalista.

—Ficou v. ex.ª bem impressionado com a conferencia que teve há pedaço com o ministro da Marinha?

—Fiquei. Não me demorei muito porque o sr. ministro tinha que receber a sr.ª duquesa do Porto.

—V. ex.ª volta ao ministerio?

—Volto para a semana. Apresentarei então o meu relatorio...

—Da tormentosissima viagem que bem se pode chamar tragico-maritimo...

—Assim é!

—A que atribue o comandante a perda dos torpedeiros?

—E' um trabalho muito dificil e ingrato, o rebocar navios. As viagens no Mediterraneo só se devem fazer de verão...

—V. Ex.ª partiu...

—No verão. Quando voltava, porém, a Portugal, já com os torpedeiros, uma espia arrebentou... Fez aí uns estragos a bordo e tive que mandar arribar o *Patrão Lopes* a Bizerta...

—O mar é mau, nessas paragens?...

—Terrivel, diga antes. O *Marseau*, couraçado francês, que vinha a reboque, perdeu-se... A marinhagem lá o deixou abandonado...

—Perdeu-se o espolio...,

—Apenas se perderam dois submarinos... Os outro quatro já estão ha muito tempo no Tejo...

—Quem os trouxe, comandante?

—Vieram rebocados pelo *Patrão Lopes*...

—Quanto valerá cada submarino?

—Um milhão de francos...

—Ainda se poderão aproveitar?

—Já não!

—E as maquinas?

—Mandei-lhes tirar as peças sobreselentes...

—A marinhagem...

—Com marinheiros destes vou a toda a parte. Portou-se esplendidamente...

—Encontrou sempre boa vontade nas autoridades maritimas...

—Sempre.

—Gente do mar é outra gente... E desastres a bordo?

—Adoeceram-me duas praças que vieram por terra. Já estão a bordo...

—Uma licença agora para descansar, não?

—Dois dias bastam, dois dias para eu não vêr nem o mar nem o navio...

—O *Patrão Lopes* tem bom andamento?

—Muito bom; é optimo para estes trabalhos.

—Porque é que v. ex.ª não queria falar aos jornalistas?

—Não tenho tempo; quero ir para a terra...

—Então podemos dizer que o *Marscau*... que a marinhagem do *Patrão Lopes*...

—Pode!

Estava concedida a entrevista.

A duquesa do Porto visita a capela do Arsenal

O «destroyer» *Vouga*, que traz a bordo os restos mortais de D. Afonso, fundeou em frente de Belem, em virtude de ter sofrido uma avaria na maquina, só atracando ámanhã ás 14 horas á ponte do Arsenal. O comandante do *Vouga*, sr. Crato, ainda não veiu a terra.

A sr.ª duquesa do Porto, acompanhada do sr. Custodio José Vieira e oficial de marinha Arantes Pedroso, esteve hoje na capela do Arsenal. Já está armado na capela o catafalco e as paredes recobertas de ricas colgaduras. A sr.ª duquesa esteve depois examinando varias preciosidades que ali se encontram guardadas, como sejam calices, panos recobertos de ouro e prata, e diferentes objectos de culto.

A sr.ª duquesa do Porto que ainda não sabe se ficará ou não em Lisboa, embarcou depois num gazolina que lhe dispensou o sr. ministro da Marinha, dirigindo-se para bordo do *destroyer Vouga*, acompanhada do sr. Arantes Pedroso. O sr. ministro da Marinha não a poude acompanhar em virtude de ter ás 16 horas uma conferencia com o sr. Antonio Maria da Silva.

***

Conferenciou hoje com o sr. ministro da Marinha, ácêrca do funeral do sr. D. Afonso de Bragança. a sr.ª duquesa do Porto:

DR. ARBUÉS MOREIRA
CLINICA MEDICA
DOENÇAS PULMONARES
CONSULTAS ÁS 4 HORAS
AVENIDA DA LIBERDADE, 77, 1.º

Lopo de Carvalho
Director do Sanatorio Sousa Martins
Lopo de Carvalho, filho
Professor da Faculdade de Medicina de Coimbra
DOENÇAS PULMONARES
Calçada do Carmo, 3, 1.º (ao Rocio)

Banco de Portugal

Os srs. drs. Caeiro da Mata e Carneiro Pacheco foram eleitos em lista independente, respectivamente, unico suplente á direcção e primeiro suplente ao conselho fiscal

Ainda em complemento da nossa noticia ácerca da assembleia do Banco de Portugal, diremos que o sr. dr. Caeiro da Mata foi eleito suplente da direcção, tendo sido o unico dos candidatos a este cargo que alcançou maioria absoluta.

Para suplente do Conselho Fiscal foi eleito em primeiro logar o sr. dr. Carneiro Pacheco,

Tanto o sr. dr. Caeiro da Mata como o sr. Carneiro Pacheco haviam apresentado a sua candidatura em lista independente da proposta pela Direcção do Banco.

Transferencias de professores

A sr.ª D. Carolina Barbosa Camilo, professora da escola de ensino primario geral de Maminhos, Fundeiros, concelho de Figueiró dos Vinhos, foi transferida, em concurso, para a de Carvalhal Bemfeito, Caldas da Rainha.

—Foi transferido para a liceu de Castelo Branco, o professor do 2.º grupo do liceu da Guarda, sr. Antonio do Rosario Marques.

—Foi autorizada a regressar ao serviço do magisterio primario, a professora na situação de licença ilimitada sr.ª D. Laura Guedes Fonte.

Marinha e Colonias

O alto comissario em Moçambique comunicou ter já sido posta em execução a Carta Organica da Provincia, aprovada pelo Conselho Legislativo da mesma.

Assumiu o cargo de bibliotecario e arquivista do Estado Maior Naval, o capitão de mar e guerra sr. Albano de Morais Carvalho.

Regressou de S. Tomé, o capitão de mar e guerra sr. Sousa e Faro.

Foi autorizada a verba de 28 contos, que vai ser utilizada na construção de casas para habitação dos funcionarios publicos de Tete.

CAMBIOS

DIA 1

	Comprador	Vendedor
Libra esterlina	61$00	65$00
Londres, cheque	4 1/2	4 3/8
» 90 d. v.	4 5/8	—
Rio Londres	7 1[illegible]	—
Paris	1$104	1$135
Itália	$634	[illegible]
Bélgica	1$048	1$078
Suiça	2$360	2$428
Espanha	1$928	1$983
Berlim	$052	$057
Holanda	4$625	4$757
Nova-York	12$035	12$378
Austria.	2	4
T. Desc. Banco de Inglaterra	—	—
» » » » Portugal	—	—
Ágio do ouro	1$000	1$100

"INCOMODINE"
GRANDE especifico que energicamente e sem o minimo perigo ou inconveniente normaliza rapidamente a menstruação. Caixa 6$00, correio mais 200 réis. Farmacia J. Nobre, Rocio, 109, Lisboa.—A' venda no Porto, no Largo de S. Domingos, 42.

Ludovice, Limitada
Comissões e Consignações
Agentes de vendas para a provincia dos productos da Academia Scientifica de Beleza
R. da Madalena, 38, 2.º — Tel. C. 3878
Secção Fiscal
Pagamento de contribuições — Reclamações sobre todas as contribuições directas do Estado e das Camaras Municipais, incluindo sobre avaliações de predios, sobre [illegible] dustriais, cessação de industrias [illegible] pectivos recursos em todos [illegible] tidões em todas as repartições [illegible] cursos e mais actos sobre [illegible] regulamentos fiscais